

São Paulo, 10 de janeiro de 2013
ENERGIA domina o início do ano

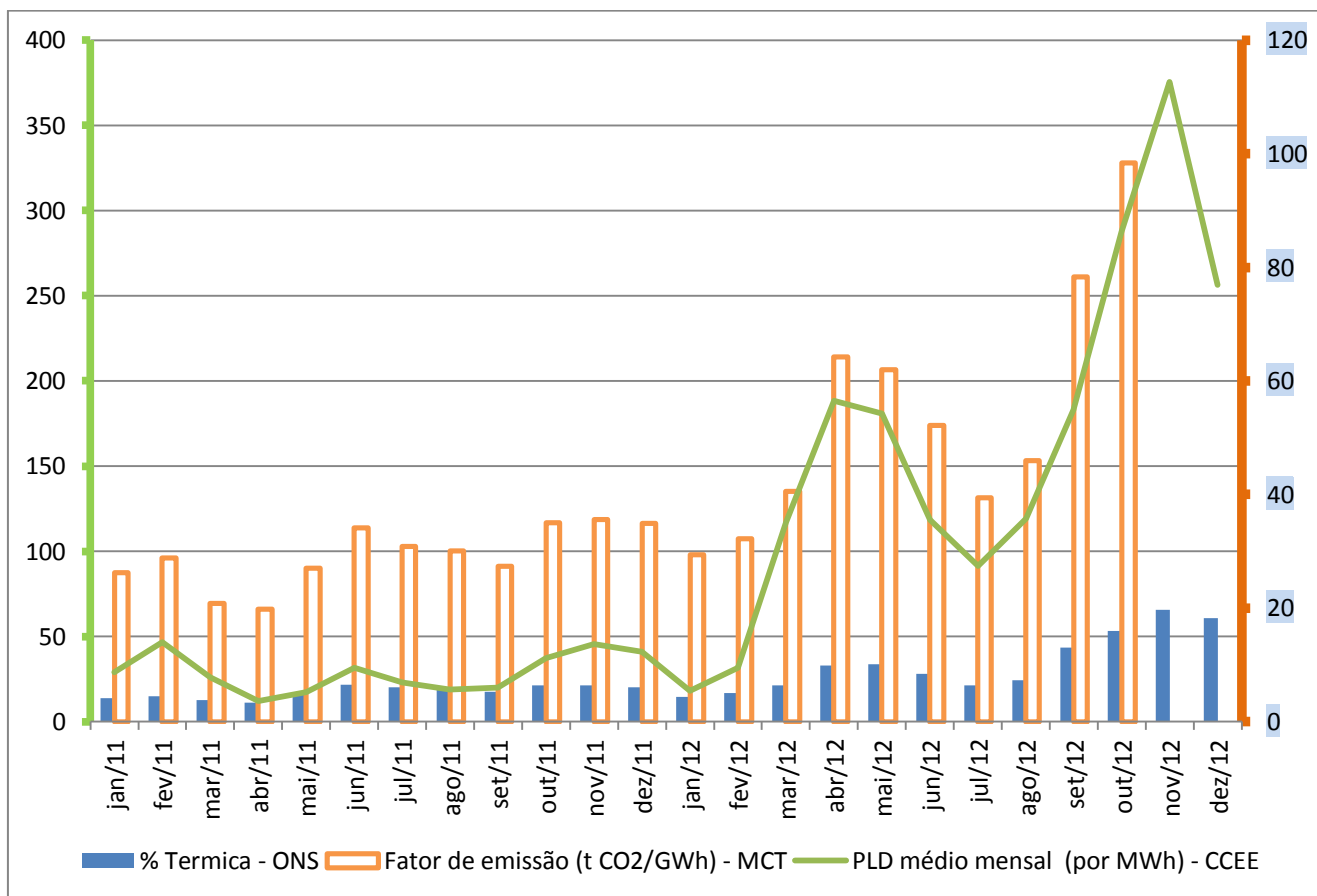
Por Alexandre Yokote

De 4 meses para cá já estávamos prevendo preocupações e oportunidades por conta da energia elétrica. Começamos com a preocupação do atraso das chuvas e a queda gradativa dos níveis de reservatórios das hidroelétricas.

Em setembro e outubro já havíamos discutido em artigos diversos aspectos positivos e negativos por conta da MP 579, acionamento das térmicas, eventos climáticos extremos e agora ainda está no ar o risco de racionamento e aumento dos custos pela geração das térmicas.

O Governo apesar de pequenas contradições acaba de afirmar que não deve haver racionamento de energia elétrica, nem aumento dos custos, ou melhor, a previsão de 20% de redução do custo da energia ainda está mantida. Mas pouco transparentemente tem rolado que a geração térmica tem gerado prejuízos e risco de inadimplência. O custo das térmicas é realmente maior e começa a inclusive haver risco de racionamento e aumento do custo do gás natural, o custo mantido acarreta por outro lado prejuízo nas estatais, em destaque a Petrobrás neste contexto. Alguém sempre vai ter que pagar a conta pelos efeitos naturais ou reação da natureza (quem sabe?) ao stress sobre o meio ambiente.

Para se ter uma ideia basta analisar a curva de janeiro de 2011 a dezembro de 2012 de % de geração térmica no Sistema Interligado Nacional (SIN), do Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) calculado pelo CCEE (numa média mensal) e dos fatores de emissão de gases de efeito estufa (GEE) por conta da energia elétrica. As térmicas e a escassez elevam o preço da energia e aumentam as emissões de GEE.



Mas energia sim é o termo que roda nos jornais ultimamente. Até se falarmos em chavismo, o petróleo está lá na espreita.

Ainda devemos nos preocupar com o aumento do consumo de energia pelas indústrias que tanto defenderam o desconto na energia, será que parte desse incentivo a produção nacional para ser mais competitiva no mercado (nacional e internacional, vai se reverter em melhorias na eficiência energética? Se não, pelo tripé da sustentabilidade, estamos tendo crescimento e não a desejada prosperidade dos negócios. Cresce e consumir sem uma melhoria ambiental e eficiência em produtos e serviços e andar na contramão do desenvolvimento sustentável e isso que acabamos de passar pela Rio + 20.

Quem aparentemente mais se preocupa neste âmbito da reação ambiental são as seguradoras e resseguradoras. Relatório da Munich-Re estima que os eventos naturais de 2012 resultaram em USD 160 bilhões em prejuízos segurados. Mas o total de prejuízo é muito maior para os governos e comunidades, no caso do Sandy, estima-se prejuízo de USD 60bi, mas apenas 25 bi eram segurados.

Aqui no Brasil continuam, incrivelmente ano após ano, os problemas com as chuvas torrenciais no Rio de Janeiro. Novamente grandes perdas (pessoais, ambientais e patrimoniais) e muito pouco segurado, felizmente para uns infelizmente para a maioria.

A outra coisa que popularmente pouco se relaciona é que o modelo dentro do planejamento de disponibilidade de energia está considerando as Usinas de Santo Antônio e Jirau. Qualquer novo atraso na finalização das obras e nos comissionamentos das unidades geradoras resultará em maior risco de falta de energia.

Belo Monte é mais para longo prazo, porém novamente há invasão de povos indígenas.

Isto tudo é apenas o início ainda de uma história, o clímax ainda deve aparecer, as bolsas de valores ainda devem oscilar pelas incertezas do mercado de energia e o desfecho é incerto.

No Ano internacional da cooperação pela água há excesso em alguns locais e falta em outros, a qualidade da água é uma preocupação para todos e não devemos desperdiçar água e energia.

Espero que a redução da tarifa de energia não vire desculpa para aumentar o consumo com menor eficiência.